

PROJETOS CONTEMPORÂNEOS CONTEMPORARY PROJECTS

“Clube de Poesia” de Horácio Frutuoso é uma exposição comissariada por Ricardo Nicolau, Adjunto do Diretor do Museu de Serralves
Horácio Frutuoso’s ‘Poetry Club’ is an exhibition curated by Ricardo Nicolau, Deputy to the Director of the Serralves Museum

Coordenação Coordination: Filipa Loureiro

Registo Registrar: Daniela Oliveira

Equipa de montagem Installation Team:

Adelino Pontes, João Brites, Lázaro Silva

Serviço Educativo Education Department:

Denise Pollini (Coordenadora Head of Education), Diana Cruz, Cristina Lapa

VISITAS ORIENTADAS GUIDED TOURS

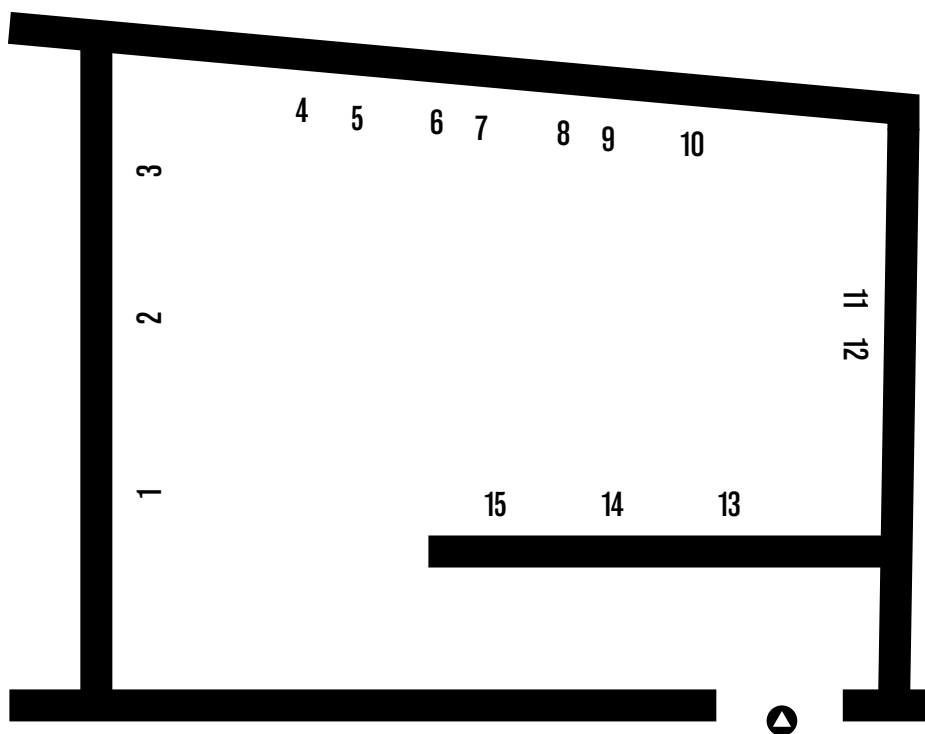
24 MAR | Dom Sun | 12h00 12 p.m.

Por By Joana Mendonça, educadora educador (português Portuguese)

CONVERSA TALK

23 FEV FEB | Sáb Sat | 17h00 5 p.m.

Com o artista e o comissário da exposição
Between the artist and the curator of the exhibition



Entrada da exposição
Exhibition entrance

- 1.**
Erguer
Robustos muros
Para crescerem
Flores selvagens
2019
Óleo sobre tela Oil on canvas
- 2.**
O vazio que toma conta dos
olhos pequenos
E os outros nunca vão
descobrir,
Ler aquilo
Que o silêncio não diz
2019
Óleo sobre tela Oil on canvas
- 3.**
Happiness (Making Losers
Happy)
2018
Tinta acrílica sobre alcatifa
Acrylic paint on carpet
- 4.**
Também eu deixo o relógio
parar
E deixo as grades fechar
Porque isto não é uma prisão
Mas sabemos como fugir
2018
Óleo sobre tela Oil on canvas
- 5.**
Os rastros de tinta que vão
ficando
E o cheiro que fica na roupa
A luz é outra
Em tua exposição permanente
2019
Óleo sobre tela Oil on canvas
- 6.**
Escrevo-me
Com erros
2018
Óleo sobre tela Oil on canvas
- 7.**
Já de noite
Continuo no exercício de apagar
Aquilo que finjo recordar
2019
Óleo sobre tela Oil on canvas
- 8.**
I'm not too sad to tell you
2019
Óleo sobre tela Oil on canvas
- 9.**
O dia
em que deixei de ser (ou fui
obrigado)
Jovem artista.
2018
Óleo sobre tela Oil on canvas
- 10.**
Perco o percurso do corpo
E deixo-me dobrar
Sobre a escuridão das luzes
No obscuro desejo
De tudo ficar abstracto
2019
Óleo sobre tela Oil on canvas
- 11.**
Lavar as t-shirts às riscas
Pretas e brancas
É com a roupa escura ou clara?
2019
Óleo sobre tela Oil on canvas
- 12.**
Sei para onde quero sempre
Voltar
Quando Abandono
O que me deixa livre
A certeza de não ser
Aquilo que são
Nunca chegará a ser questão
2019
Óleo sobre tela Oil on canvas
- 13.**
Ser o prisioneiro de mim mesmo
E o criminoso dos meus
desejos.
Roubo-me de faca apontada
E corto com toda a vontade,
Tal como todos,
De querer mentir
2018
Óleo sobre tela Oil on canvas
- 14.**
Confundir toda a ordem
E não me lembrar do primeiro
Por ainda estar no último
2019
Óleo sobre tela Oil on canvas
- 15.**
E já adultos
Ficamos com medo
Do escuro
Pensando ainda
Que estamos a brincar
2019
Óleo sobre tela Oil on canvas

A IMPORTÂNCIA DE SE CHAMAR FRUTUOSO

Horácio não é um nome próprio comum; o patronímico Frutuoso tampouco. Para alguém que se interessa tanto por palavras, pelos seus significados e interpretações, e que com elas constantemente faz jogos de linguagem, transformar esta pesada “marca de nascença” em sinal proveitoso e útil (frutuoso) era praticamente inevitável. São muitos os exemplos de textos impressos ou pintados sobre telas em que o artista explora ironicamente os seus nome anacrónico e sobrenome-adjetivo, mas o mais esclarecedor talvez seja o título do seu livro de artista *Até Hoje fui sempre Frutuoso* (2018), que se apropria da frase “Até hoje fui sempre futuro”, um verso do poema “Rosa dos ventos” do escritor e artista português Almada Negreiros (1893–1970) que Frutuoso deve ter lido na estação de metro de São Sebastião, em Lisboa; pelo menos faz muito sentido que alguém que assume trabalhar em trânsito, tanto ou mais do que no seu ateliê – enquanto passeia, fisicamente e nas redes sociais – tenha lido e decidido apropriar-se daquele trecho de um conhecido poema num sistema de transporte que na cidade do Porto é anunciado como “A vida em movimento”.

Os textos do artista são anotados – e ali ensaiadas algumas composições com palavras – em pequenos cadernos que o acompanham constantemente (“posso levá-los para todo o lado”); depois são escritos no computador, onde Frutuoso experimenta composições gráficas. Esta relação entre movimento e criação, entre caminhar e imaginar, que tem sido amplamente explorada pela literatura sobre a arte contemporânea, é fundamental para compreender o trabalho de Horácio Frutuoso (Póvoa de Varzim, 1991); trabalho que também pode convocar o livro *História abreviada da literatura portátil* (1985) de Enrique Vila-Matas (Barcelona, 1948), em que o escritor catalão descreve uma sociedade secreta composta por escritores e artistas que produzem obras, literárias ou plásticas, que pudessem caber facilmente numa pequena mala (absolutamente portáteis, portanto): porque a prática de Horácio Frutuoso é caracterizada pelo movimento e pela portabilidade, porque a sua obra instala um vaivém entre meios (“é e não é” literatura; “é e não é” pintura) e porque a sua exposição em Serralves convoca, já lá iremos, a ideia de sociedade secreta.

“Clube de Poesia” é a primeira exposição individual de Horácio Frutuoso numa instituição museológica. Este título pode relacionar-se diretamente

com duas das especificidades que singularizam a sua prática artística: a atenção à linguagem – a presença de frases escritas sobre paredes e chão de galerias, uma espacialização daquilo que historicamente se designou como poesia visual, ocupa um lugar destacado no seu percurso expositivo – e uma constante criação de sinapses, de associações. A relação mais evidente nesta mostra é desde logo entre meios: a pintura e a escrita sobre paredes – e a escrita nas próprias pinturas – confundem-se e desestabilizam todas as hierarquias entre visualidade e leitura, com as frases a ocuparem de certa forma o lugar das tabelas que tradicionalmente acompanham pinturas, e que frequentemente fornecem elementos – títulos, nomeadamente – que permitem aos espectadores partirem para determinadas interpretações. Por outro lado, também a iconografia representada remete para a ideia de assembleia, de clube, até de sociedade secreta. Destaque-se, por exemplo, a presença de riscas horizontais brancas e negras – que pode remeter para a sinalização de malfeitores punidos pela justiça (pelo menos de desviados) – em t-shirts simplesmente dobradas, pousadas ou envergadas por um indivíduo mascarado e pelo personagem famoso (nem sempre pelos melhores motivos) Kanye West; além destas figuras podemos ver na exposição retratos de alguns dos amigos mais próximos do artista, potenciais membros de um determinado mas inominável clube.

Assinalável é o facto de algumas pinturas declararem premeditadamente serem cópias de cópias, reproduzindo, por exemplo, além de determinadas imagens, as páginas dos cadernos onde estas foram guardadas pelo artista. A solenidade retirada à pintura – meio ao qual o artista não atribui mais importância do que à escrita que frequentemente a cobre, pelo menos parcelarmente – é reforçada pelo tipo de linguagem utilizada nas próprias telas e nas paredes, entre o registo eminentemente pessoal, diarístico (despudoradamente confessional, em certos casos), que denuncia simultaneamente a permeabilidade em relação à chamada cultura popular e uma utilização sofisticada, literária, de jogos de palavras e figuras de estilo; outras vezes o artista recorre simplesmente à repetição que na música se traduz em refrões ou em ritmos sincopados que nos convidam a juntarmo-nos na pista de dança.

Regressemos ao livro *Até Hoje fui sempre Frutuoso*. Por ocasião do seu lançamento, em dezembro de 2018, a publicação foi apresentada como uma “seleção de poemas e composições gráficas que o

autor foi compondo nos últimos dois anos, e que serviu de base de grande parte dos trabalhos artísticos apresentados, alguns deles, em museus como o Museu do Chiado ou o MAAT”, ambos em Lisboa. Descrever o conteúdo do livro enquanto “poemas e composições gráficas” não é propriamente inexato, mas esta formulação esquece a filiação deste projeto na poesia visual – prática literária que a partir da década de 1960 esbateu as fronteiras entre visualidade e escrita, invalidando a distinção entre “poemas” e “composições gráficas”. Os escritores ligados à poesia visual atribuíram uma atenção inédita à organização do texto na página – experiências visuais e espaciais do texto –, defendendo ser a poesia matéria para ler e para ser vista. As semelhanças com o trabalho de Frutuoso são evidentes, mas terminam na relação da escrita e das artes visuais com a emoção, com os sentimentos, que os poetas visuais desprezavam e Frutuoso valoriza. Explico melhor: os poemas destes autoproclamados “cientistas da palavra”, mais do que a expressão de estados de alma, são o resultado de aturadas, quase clínicas experiências com a linguagem; os textos de Horácio Frutuoso, frequentemente de cariz autobiográfico e diarístico, contrariam aquele que no entender do artista é um défice na arte contemporânea: a expressão de emoções.

Exatamente como os poetas visuais, também este artista se dedica a experimentar a organização de textos na página (e na parede), e diferentes maneiras de relacionar (e confundir) visualidade e leitura, forma e conteúdo, grafia e sonoridade; ao contrário da escrita dos poetas visuais, a escrita de Frutuoso, sem chegar a ser autoderisória, admite fragilidades, fala na primeira pessoa, enuncia desejos e aspirações; e isto sem recorrer a quaisquer tiques de expressividade (caligrafia, manualidade e gestualidade ostensivas).

Se muitos, entre eles o escritor português Gonçalo M. Tavares (Luanda, 1970), defendem que “o teclado impede que se escreva com o corpo, tudo é filtrado pelo teclado. O músculo emocional fica nas redes impermeáveis das teclas. A separação entre palavra e coisa, palavra e corpo, avança mais um capítulo. O teclado é uma máquina de *neutralização emocional*.” [Gonçalo M. Tavares, *Atlas do corpo e da imaginação*, Alfragide: Editorial Caminho, 2013, p. 152], temos de admitir que o teclado de Horácio Frutuoso pouco ou nada filtra ou neutraliza. Quando passa para as paredes – é o caso desta exposição –, a sua escrita, apesar do aspeto industrial, é sempre

pintada à mão pelo artista, o que invalida ainda mais qualquer ideia de neutralização emocional.

Estes textos, já o referimos, surgem na galeria de exposições quer em locais que lhes atribuem autonomia (sanca, canto), quer suficientemente próximos de pinturas para com elas dialogarem – nunca numa relação de descrição, de ilustração, mas abrindo a possibilidade de criação de outros significados. O seu aspeto gráfico, embora muito diverso, reforça o lado fugaz, instável, passageiro da linguagem. É muito frequente, por exemplo, que palavras e frases escapem a uma determinada grelha, como se quisessem fugir; também a sua recorrente repetição convoca, como referimos, riffs, ritmos, dança. Esta perpétua visualização do movimento serve uma possível síntese da prática, nomeadamente da escrita do artista: portátil, é uma forma de capturar aquilo que, exatamente como a dança, é fugidio, evanescente, que está prestes a desaparecer: um sonho, uma ideia, uma estranha relação entre duas coisas. Responde à urgência. É um meio leve, fácil de transportar. Como tudo na prática artística de Frutuoso, parece periférico, mas pode tornar-se central. O contrário também se aplica.

HORÁCIO FRUTUOSO

Licenciado em Artes Plásticas pela Faculdade de Belas-Artes da Universidade do Porto, instituição que lhe atribuiu o prémio Aquisição de Artes Plásticas em 2012/2013. Foi membro do grupo académico de investigação em performance SINTOMA, pertencente ao i2ADS da FBAUP. É coautor do projeto artístico *Expedição* que, entre 2013 e 2015, produziu e programou diferentes projetos, entre exposições individuais e coletivas, performances, residências artísticas, email-art, publicações e colaborações com instituições e espaços artísticos independentes. Expõe regularmente desde 2011, colaborando com outros artistas em diferentes projetos e exposições, destacando-se as seguintes: “Haus Wittgenstein”, MAAT, Lisboa (2018); “Género na Arte. Corpo, sexualidade, identidade e resistência”, Museu Nacional de Arte Contemporânea do Chiado, Lisboa; “O que eu sou”, coletiva da Coleção da Fundação EDP, MAAT, Lisboa (2017); “White Horse”, Bregas, Lisboa, (2016); ZULULUZU FO’SHO, colaboração com Teatro Praga para o espetáculo ZULULUZU, (2016); “Black Dolphin”, colaboração com Tiago Alexandre, “Walk&Talk”, S. Miguel, Açores (2016).

THE IMPORTANCE OF BEING FRUTUOSO

Horácio is an unusual first name; as is his surname, Frutuoso. For someone who cares so much about words, and their meanings and interpretations, and is constantly producing language games with them, it was virtually inevitable that he would transform this weighty 'birthmark' into a useful and fruitful (*frutuoso*) sign. There are many examples of his printed or painted texts on canvas in which he ironically explores his anachronistic name, and the fact that his surname is also an adjective (Frutuoso = fruitful). Perhaps the most enlightening example is the title of his artist's book, *Até Hoje fui sempre Frutuoso* (Until Today I Have Always Been Frutuoso/Fruitful) (2018), inspired by the verse 'Until today I have always been future', from the poem 'Rosa dos Ventos' [Wind Rose] by Portuguese writer and artist Almada Negreiros (1893–1970) which Frutuoso probably read at the São Sebastião metro station, in Lisbon. As someone who says that he works while travelling, as much or even more than in his atelier – while wandering, both through streets and social networks – it makes perfect sense that he may have read and decided to appropriate that passage from a well-known poem in a transportation system that, in Porto, is advertised as 'Life in Movement'.

The artist's texts are annotated in small notebooks – that he always carries with him ('I can take them everywhere') – where he tries out some word compositions. He then writes them on his computer, where he experiments further with graphic compositions. This relationship between movement and creation, between walking and imagining, which has been widely explored in literature on contemporary art, is fundamental to understanding Horácio Frutuoso's oeuvre (Póvoa de Varzim, 1991); which is also reminiscent of Enrique Vila-Matas's book *A Brief History of Portable Literature* (1985), in which the Catalan writer describes a secret society composed of writers and artists who produced literary texts or fine art works, that could fit neatly into a small suitcase (thus, absolutely portable): because Horácio Frutuoso's artistic practice is characterised by movement and portability, because his work creates a to-and-fro process between different media ('it is and isn't' literature, 'it is and isn't' painting), and because his exhibition in Serralves suggests the idea of a secret society – I will come to this in a moment.

'Poetry Club' is the first solo exhibition by Horácio Frutuoso to be held in a museum. The title is directly

related to two specific aspects that distinguish his artistic practice: his careful use of language – his exhibitions have made extensive use of written sentences on gallery walls and floors, as a form of spatial representation of what has historically been called visual poetry – and his constant creation of synapses and associations. In this exhibition the most evident association is between different media: painting and writing on the walls – and writing on the paintings themselves – blend together and destabilise all hierarchies between visibility and reading. To a certain extent, the sentences occupy the place of the labels which traditionally accompany paintings, often providing elements – in particular titles – that allow viewers to make certain interpretations. On the other hand, the iconography represented in his works also refers to the idea of an assembly, a club, or even a secret society. For example, the presence of white and black horizontal stripes – which may refer to the patterns used to identify convicted criminals (or at least deviants) – printed on t-shirts that are simply folded, placed or worn by a masked individual, or by a famous person (not always for the best reasons): Kanye West. In addition to these figures, the exhibition includes portraits of some of the artist's closest friends, potential members of a specific, anonymous club.

It should be noted that some of the paintings are premeditatedly declared to be copies of copies, for example, by reproducing certain images or the pages of the notebooks where the artist kept these images. Painting has lost its solemnity – it is a medium to which the artist attaches no greater importance than to the written texts which frequently cover it, at least in part – a fact which is reinforced by the type of language used in his canvases and on the walls, halfway between an eminently personal, diary-like tone (shamelessly confessional, in certain cases), while simultaneously denouncing permeability in relation to so-called popular culture (mass-market cinema and music) and making sophisticated, literary use of wordplay and various figures of style (alliteration, chromesthesia, onomatopoeia and synecdoche). On other occasions, the artist simply makes use of techniques of repetition, that in music are achieved through refrains or syncopated rhythms which invite us to step onto the dance floor.

Let's return to the book *Até Hoje fui sempre Frutuoso*. When launched in December 2018, it was presented as a 'selection of poems and graphic compositions that the author has composed over

the last two years, which have served as the basis for much of the artistic work he has presented, even in museums such as the Chiado Museum or MAAT', both in Lisbon. Although not exactly inaccurate, describing the content of the book as 'poems and graphic compositions', overlooks his great affiliation to visual poetry – a literary tradition that, since the 1960s, has blurred the boundaries between visuality and writing, invalidating the distinction between 'poems' and 'graphic compositions'. Writers linked to visual poetry have given unprecedented attention to the organisation of the text on the page – visual and spatial experiences of the text – and defended the idea that poetry should be read and seen. The similarities with Frutuoso's work are evident, but they end when we consider the relationship that exists between visual arts and writing with emotion and feelings, which the visual poets despised, and which Frutuoso values. To be more precise: the poems by these self-proclaimed 'word scientists', rather than expressing emotional states, are the result of bold, almost clinical experiences with language; Horácio Frutuoso's texts, which are often autobiographical and diary-based, counter that which the artist considers to be a major deficit in contemporary art: the expression of emotions.

Exactly like the visual poets, Frutuoso is also dedicated to experimenting, through organisation of texts on the page (and the wall), and different ways of relating (and confusing) visuality and reading, form and content, spelling and sonority. But unlike the visual poets, Frutuoso's writing, without becoming auto-derisive, admits certain weaknesses, speaks in the first person, expresses desires and aspirations; and it does it so without resorting to expressiveness schemes (e.g. ostentatious gestures, manual techniques or calligraphy).

Many commentators, such as the Portuguese writer Gonçalo M. Tavares (Luanda, 1970), suggest that 'the keyboard prevents us from writing with the body, everything is filtered by the keyboard. The emotional muscle lies in the impervious networks of the keys. The separation between word and thing, word and body, advances another chapter. The keyboard is a machine of *emotional neutralisation*.' [Gonçalo M. Tavares, *Atlas do corpo e da imaginação* (Atlas of the Body and Imagination), Alfragide: Editorial Caminho, 2013, p. 152]. But Horácio Frutuoso's keyboard filters or neutralises next to nothing. When he displays works on walls – as in this exhibition – his writing, despite its industrial appearance, is always

handpainted, which further invalidates any idea of emotional neutralisation.

These texts, as we have already mentioned, are displayed in the exhibition gallery, either in places that grant them autonomy (in a cornice, or corner) or sufficiently close to the paintings to create a dialogue with them – never in a relationship of description or illustration, but instead opening the possibility to create other meanings. Their graphic appearance, although very diverse, reinforces the fleeting, unstable, transitory side of his linguistic style. For example, his words and phrases often fall outside a specific grid, as if they wanted to escape. Their recurrent repetition also conjures up, as we have stated above, refrains, rhythms, dance. This perpetual visualisation of movement provides a possible synthesis of his artistic practice, in particular of the artist's writing: portable, a way of capturing that which, as in dance, is fleeting, evanescent, temporary: a dream, an idea, a strange relationship between two things. It responds to a sense of urgency. It is a light, easily transportable medium. As with everything else in Frutuoso's artistic work, it seems to be peripheral, but may assume a central role. And vice versa.

HORÁCIO FRUTUOSO

B.A. Hons. degree in Fine Arts from the Faculty of Fine Arts of the University of Porto (FBAUP), that also awarded him the Plastic Arts Acquisition award in 2012/2013. He was a member of the academic research group in the field of performance, SINTOMA, and was a member of FBAUP's i2ADS group. He is co-author of the artistic project, *Expedição*, that produced and programmed different events and activities between 2013 and 2015, including solo and group exhibitions, performances, art residencies, email-art, publications and collaboration with institutions and independent art spaces. He has regularly exhibited his work since 2011, collaborating with other artists in different projects and exhibitions, including: 'Haus Wittgenstein', MAAT, Lisbon (2018); 'Género na Arte. Corpo, sexualidade, identidade e resistência' [Gender in Art. Body, sexuality, identity and resistance], Museu Nacional de Arte Contemporânea do Chiado, Lisbon; 'O que eu sou' [What I am], an exhibition of works from the EDP Foundation's Collection, MAAT, Lisbon (2017); 'White Horse', Bregas, Lisbon, (2016); ZULULUZU FO'SHO, collaboration with Teatro Praga for the performance ZULULUZU, (2016); 'Black Dolphin', collaboration with Tiago Alexandre, 'Walk&Talk', S. Miguel, Azores (2016).

VISITAS ORIENTADAS ÀS EXPOSIÇÕES GUIDED TOURS TO THE EXHIBITION

Realizar uma visita orientada permite aprofundar o conhecimento e a vivência das exposições a partir de percursos desenvolvidos pelos educadores do Serviço Educativo.

The guided tour provides a unique framework and context, allowing visitors to become more familiar with contemporary artistic production.

Acesso: Mediante aquisição de ingresso Museu+Parque

Access: Museum+Park admission ticket

PT	PT
Dom 12h00-13h00	Sun 12 p.m.- 1 p.m.

VISITAS PARA ESCOLAS TOURS FOR SCHOOLS

Sujeitas a marcação prévia, com uma antecedência mínima de 15 dias.

Para mais informações e marcações, contactar (2ª a 6ª feira, 10h-13h/14h30-17h)

Minimum two-week advance booking is required. For further information and booking, please contact (Monday to Friday, 10 a.m.-1 p.m. and 2.30-5.00 p.m.)

Cristina Lapa: ser.educativo@serralves.pt
Tel. (linha direta/direct line): 22 615 65 00
Tel: 22 615 65 46
Fax: 22 615 65 33

Marcações online em Online booking at
www.serralves.pt

www.serralves.pt

[f /fundacaooserralves](https://www.facebook.com/fundacaooserralves)

[t /serralves_twit](https://twitter.com/serralves_twit)

[ig /fundacao_serralves](https://www.instagram.com/fundacao_serralves)

[yt /serralves](https://www.youtube.com/channel/UC...)

LOJA SHOP

Uma referência nas áreas do design, onde pode adquirir também uma recordação da sua visita.

A leading retail outlet for the areas of design, where you can purchase a souvenir to remind you of your visit.

Todos os dias Everyday: 10h00-19h00

loja.online@serralves.pt

www.loja.serralves.pt

LIVRARIA BOOKSHOP

Um espaço por excelência para todos os amantes da leitura.

The perfect place for all book lovers.

Ter-Tue-Dom Sun-Fer Holidays: 10h00-19h00

Seg Mon - Encerrado Closed

BAR

Onde pode fazer uma pausa acompanhada de um almoço rápido ou um lanche, logo após à visita às exposições.

In the Bar of Serralves Auditorium you can take a break, with a quick lunch or snack, after visiting the exhibitions.

Todos os dias Everyday: 10h00-19h00

RESTAURANTE RESTAURANT

Desfrute de um vasto número de iguarias e deixe-se contagiar pelo ambiente que se faz viver com uma das mais belas vistas para o Parque.

Enjoy a wide range of delicacies and allow yourself to be captivated by the environment associated to one of the most beautiful views over the Park.

Seg Mon- Sex Fri: 12h00-19h00

Sáb Sat-Dom Sun-Fer Holidays: 10h00-19h00

restaurante.serralves@ibersol.pt

CASA DE CHÁ TEAHOUSE

O local ideal para a sua pausa do ritmo cittadino ou para o descanso de uma visita pelo Parque.

The ideal place to take a break from the bustling city or rest during a visit to the Park.

Seg Mon - Sex Fri: 12h00-18h00

Sáb Sat-Dom Sun-Fer Holiday: 11h00-19h00



Fundação de Serralves
Rua D. João de Castro, 210
4150-417 Porto - Portugal

serralves@serralves.pt

General line:
(+ 351) 808 200 543
(+ 351) 226 156 500

Apoio institucional
Institutional support



Mecenas da Exposição
Sponsor of the Exhibition

NORS

Mecenas Exclusivo do Museu
Exclusive Sponsor of the
Museum

